

A revolução tropicalista e a axiomática capitalista

LUIS FERNANDO DE CARVALHO SOUSA¹

A tropicália foi um movimento cultural brasileiro do final da década de 1960 que despontou como revolução cultural, sinalizando para novas formas de se pensar a realidade vinculada à produção cultural. Seu caráter revolucionário deu-se pela forte contestação social da realidade brasileira e sua aspiração pela mudança dos paradigmas sociais vividos naquele período. É mister salientar que a tropicália produziu cultura nos mais diferentes ramos. Na música, Gilberto Gil e Caetano Veloso despontam como expoentes; nas artes plásticas, têm-se as obras de Hélio Oiticica; no cinema, Glauber Rocha e, no teatro, José Celso Martinez (FAVARETTO, 2000). Entretanto, nessa exposição, trataremos somente do aspecto musical.

A produção cultural dos anos 60 é muito variada. Diversos grupos e estilos surgiram; contudo, nenhum deles questionava ou tentava romper a lógica do sistema capitalista. A Jovem Guarda, por exemplo, era considerada alienada e reprodutora do modelo de vida capitalista *estadunidense* em terras brasileiras (HOLLANDA; GONÇALVES, 1982); já o movimento tropicalista era retratado de outra maneira.

Na opção tropicalista o foco da preocupação política foi deslocado da área da *Revolução Social* para o eixo da *rebeldia*, da intervenção localizada, da política concebida enquanto problemática cotidiana, ligada à vida, ao corpo, ao desejo à cultura em sentido amplo (HOLLANDA; GONÇALVES, 1982, p.66).

Partindo dessa premissa exposta por Hollanda & Gonçalves, o movimento tropicalista conseguiu produzir cultura, questionando os valores da sociedade vigente e apontando para novos modos de vida e mecanismos interpeladores do sistema. Entendendo que a história humana é definida pela produção através de rupturas e reinvenções de sistemas e estruturas (culturais, sociais, econômicas e políticas) marcadas pelas contingências históricas², o movimento tropicalista descodificou os fluxos culturais por meio de uma nova maneira de produção de desejos; nova maneira de ser e conceber a cultura. A novidade cultural da tropicália apontada por Favaretto (2000) destoava de tudo o que se havia produzido até o período, sendo, inclusive, difícil de ser classificada pelos críticos musicais e outras frentes que faziam sucesso, como a MPB e a Bossa Nova, que “de pronto” foram facilmente classificadas como

¹ Possui graduação em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo(2011) e graduação em História pelo Centro Universitário de Barra Mansa(2007). E-mail: luisffilo@hotmail.com

²Uma das formas de produção do desejo pontuadas por Deleuze e Guattari é explicitada em *Mil Platôs*, Vol. 1 (1995), em que os autores descrevem os movimentos de desterritorialização e reterritorialização como elementos que engendram a produção dos desejos e rupturas com antigas formas de representação. Nesse sentido, também sinalizam, em *O Anti-Édipo* (2010), para a história humana, como a história das produções (paixões, desejos, modos de existência, etc.), que é fortemente marcada pelas contingências e clivagem de sistemas antigos com insurgentes.

músicas populares. Por ter descodificado os fluxos culturais do período e ter trazido uma inovação na produção dos desejos artísticos, “foi suficiente para confundir os critérios reconhecidos pelo público e sancionados por festivais e pela crítica” (FAVARETTO, 2000, p.20).

O que a sociedade não notava é que, na produção do movimento tropicalista, operava o movimento de desterritorialização e reterritorialização da cultura, produzindo sua forma de ser e opondo-se ao modelo musical dominante do período. Deleuze e Guattari questionam: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.17). Os filósofos franceses apontam para a concomitância dos movimentos que operam quando se consegue produzir novas formas sociais e culturais, rompendo com aquilo que fora estabelecido como paradigma. Era o que ocorria, a tropicália construía sua identidade ocupando espaços dentro do cenário social brasileiro.

O tropicalismo evidenciou o tema do encontro cultural e o conflito das interpretações, sem apresentar um projeto definido de superação; expôs as indeterminações do país, no nível da história e das linguagens, devorando-as; reinterpretou em termos primitivos os mitos da cultura urbano-industrial, misturando e confundindo seus elementos arcaicos e modernos, explícitos ou recalcados, evidenciando os limites das interpretações em curso (FAVARETTO, 2000, p.55-56).

A possibilidade dessa criação e da emergência de uma nova cultura só se efetuou por causa da natureza do sistema capitalista, uma vez que é inerente ao próprio capitalismo a propiciação da descodificação dos fluxos, a desterritorialização e a reterritorialização. Pelo fato de descodificar os fluxos, o capitalismo permite a liberação dos “fluxos do desejo num campo desterritorializado” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.52). Tal descodificação dos fluxos culturais produzida pelo movimento tropicalista criou espaços num campo brasileiro que não comportava mais somente os cantores populares e se encontrava no desejo de uma juventude ávida por mudanças. O espaço antes ocupado pela música popular passava por transformações e cedia espaço para outra forma, denominada *música tropicalista*.

Em o *Anti-Édipo*, o esforço dos autores é mostrar como o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que permite que os fluxos descodificados fluam no interior do *socius*, tenta o tempo todo capturá-los, axiomatizando-os e fazendo que esses corroborem para a produção de lucro. Por esse motivo, faz-se sua crítica, pois atua como um grande capturador das formas de produção (social, cultural, artística). Embora possibilite a descodificação de fluxos e produção de novas formas de vida, o capitalismo tende a encerrá-las dentro de suas trincheiras: “o que ele descodifica com uma das mãos, axiomatiza com a outra” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.326). Portanto, as produções que sinalizam para o questionamento e ruptura com o sistema

capitalista tendem a ser, rapidamente, integradas e cooptadas por ele. Como afirmam os autores:

[...] num regime como este, é impossível distinguir, mesmo que em dois tempos, a descodificação e a axiomatização que vêm substituir os códigos desaparecidos. É ao mesmo tempo que os fluxos são descodificados e axiomatizados pelo capitalismo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.326-327).

Nesse sentido, pode-se observar que, ainda que haja a tentativa de romper com o *modus operandi* do capitalismo, o movimento de captura e axiomatização aparecem colocando essa tentativa a favor da produção. Qual foi a ruptura cultural sinalizada pelo movimento tropicalista? O movimento tropicalista rompia com a forma popular de caráter burguês personificada pela Bossa Nova, por exemplo, que se adequava ao *way of life* do homem urbano brasileiro (CASTRO, 1998), coadunando e corroborando com o sistema capitalista à medida que fazia afluir os fluxos culturais para o sistema de produção, alimentando, dessa maneira, não somente a formatação burguesa de cultura, como a manutenção do sistema por meio da produção voltada para o consumo e para o lucro.

A tropicália operou como uma espécie de descodificação dos fluxos de produção cultural do período dos anos 60, quando impingiu uma nova forma de concepção de universo “para além” da dicotomização *esquerda-direita* que se fazia no período (GORENDER, 1986), produzindo algo próprio, num movimento cultural ímpar, que pode ser classificado como descodificação dos fluxos culturais, pois escapava do que era, até o período, conhecido e concebido como cultura, reforçando a tese de produção desejante³, uma vez que “O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43). Essa produção, sobretudo por meio de sua estética, questionava a mentalidade burguesa nacional, articulando-se com os desejos de grupos que não eram contemplados por nenhum modelo. A tropicália conseguia produzir “[...] a alternância entre afirmação do desejo como forma de burlar a repressão e sua degradação irônica, carnavalizando a música [...]” (FAVARETTO, 2000, p.101) através de uma estética que rompia com os padrões burgueses.

É inegável que a tropicália: 1) descodificou os fluxos culturais do final da década de 1960; 2) desterritorializou e reterritorializou um espaço significativo no universo

³ Para Deleuze e Guattari o desejo é caracterizado pela proatividade, ou seja, sempre concebido como algo positivo e não como ausência, como, por exemplo, defende a perspectiva *freudiana*. Nesse sentido, o inconsciente é tido como um fértil campo em que as produções se dão e objetivam-se no real; na imanência. O ser humano é concebido pelos filósofos franceses como holístico, isto é, integrado ao cosmos, sendo capaz de produzir e expressar seus desejos a partir da interação com o mundo em que vive. A produção, portanto, é uma das essências do humano que procura expressar-se produzindo sempre (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

artístico; 3) formatou uma nova maneira de expressão e produção cultural. Tais pontos são relevantes para se pensar meios de questionamento e superação da máquina capitalista, pois se apresentam como alternativas. Entretanto, por que não são suficientes para a criação de novas formas de vida revolucionária? A explicação é simples. O movimento, assim como outras tantas maneiras que se apresentaram como revolucionárias, foi axiomatizado.

A axiomática capitalista se processa fazendo que os fluxos, inicialmente descodificados, passem a operar a favor da produção. Nesse sentido, a própria produção voltada para o mercado fonográfico sinaliza para tal processo. Enquanto movimento cultural de contestação e produção de desejo, a tropicália cumpriu seu papel, mas, assim como apontam Deleuze e Guattari, quando fazem o balanço de maio de 68, houve a traição dos desejos revolucionários, uma vez que se optou por integrar o sistema capitalista (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

A exemplo do movimento de 1968, a tropicália despontou como modo revolucionário de existência, mas, com o passar dos anos, disputava o mercado de produção fonográfica com outros grupos da música popular brasileira, operando, assim, a favor do sistema capitalista. Na análise de Favaretto sobre a axiomatização da tropicália, o autor ressalta que:

Sendo esvaziada sua pretensão de violentar as convenções, a novidade de linguagem é normatizada e consumida: aquilo que realmente tem interesse estético é consumido apenas como extravagância. É o que ocorre com os choques: selecionados e diluídos pelo mercado, são transformados em meros excitantes (FAVARETTO, 2000, p.139).

Com sua adesão ao mercado fonográfico, a tropicália passava, então, de movimento musical-estético revolucionário a mais um elemento do consumo da sociedade capitalista, despertando a reação do público que se identificava com a forma revolucionária como havia surgido no cenário musical brasileiro. “Comprometido com a participação política dos artistas, o público a que se dirigia o trabalho dos tropicalistas repudiou-lhes a postura, tachando-a de reacionária e considerando-a como uma agressão [...]” (FAVARETTO, 2000, p. 141). Assim, aos poucos, mais um movimento revolucionário era diluído no sistema capitalista.

O capitalismo se processa “numa axiomática mundial que opõe sempre novos limites interiores à potência revolucionária dos fluxos descodificados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 326) e, nesse sentido, a produção efetuada pelo tropicalismo operou a favor do mercado capitalista. Os desejos revolucionários e as contestações da tropicália passaram a ser consumidos como objetos de desejo dos que se identificavam com a proposta e se sentiam representados pelo movimento (HOLLANDA; GONÇALVES, 1982). Dessa maneira, repetiram a história das revoluções descritas por Deleuze e Guattari como “traição dos desejos das massas”.

(DELEUZE; GUATTARI, 2002, p.268).

A crítica descrita por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* consiste em afirmar que o sistema capitalista tende a axiomatizar os fluxos descodificados e as tendências revolucionárias, fazendo-as operar a favor da produção capitalista. Isso pode ser aplicado também ao movimento tropicalista, uma vez que sua inicial contestação e forma revolucionária, estética e musical acabam por operar e integrar o mercado de consumo. Assim, não se manteve a dinâmica e ímpeto revolucionários. A axiomática operou de maneira a fazer que os fluxos descodificados fossem colocados em função do lucro e da manutenção do sistema, que é caracterizado por sempre conseguir alargar seus limites de produção (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Referências

- CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1986.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Submissão: 24.04.2017 / Aceite: 12.05.2017